

Uma gota de análise

Alexandre da Costa Pantoja¹, Brasília

“Este é o ponto central, embora muito difícil: vocês têm de ousar pensar e sentir seja o que for que pensam ou sentem, não importando o que a sua sociedade, ou sua Sociedade de Psicanálise pensa a respeito disso e até mesmo o que vocês pensam sobre isso.” (Bion, Seminários Italianos, Roma, verão de 1977).

RESUMO: Nesse trabalho o autor traça a relação do humano com o desconhecido e busca mostrar como o inédito nesse encontro leva à criação da subjetividade e à fundação do sujeito. Apresenta o reconhecimento do sujeito como a necessidade de voltar a ser um objeto amado. E propõe uma reflexão de como essas ideias podem estar presentes na psicanálise, na clínica e na arte.

PALAVRAS-CHAVE: subjetividade, ansiedades primitivas, desconhecido, reconhecimento.

A primeira cena – O encontro com o desconhecido

Seria possível pensarmos na cena de uma gota de chuva caindo na testa de um bebê recém-nascido, quando este está sendo carregado no colo pelos pais, em direção ao carro que o levará para casa pela primeira vez?

O que se passa com essa criança no exato momento desse contato, que transformações possíveis ele provocará em sua vida?

O contato da água dessa gota de chuva com a pele da testa do bebê, provocará nele uma série de emoções inéditas em alguns aspectos, e

1. Engenheiro e psicanalista em formação pelo Instituto da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBs).

conhecidas em outros.

Este fato é, *potencialmente*, ao mesmo tempo uma experiência científica, artística, mística, mítica, emocional, filosófica, transcendental, e demais categorias que não conheço, a depender de qual aspecto da sua atenção será priorizada, ou despertada.

Cientificamente, a gota de chuva traz informações climáticas do planeta, sobre temperatura ambiental, umidade do ar, sobre a textura da água, sua viscosidade, seu peso. Informações inerentes à sua própria existência.

Emocionalmente, a pressa com que os pais correrão para o carro, por causa da chuva e sua gota, informarão à criança sobre as emoções experimentadas por eles naquele momento. A correlação dessa gota de chuva com as ansiedades primitivas dos pais frente ao perigo, ao medo da morte e a perda do filho. Medo da natureza. A natureza como um outro, um outro desconhecido.

Artisticamente, papéis serão encenados por cada um dos pais num teatro familiar nesse momento de chuva: quem carrega a criança, quem abre a porta, quem dirige o carro, a criança que chora, que falas são feitas a partir da preocupação provocada pela chuva, que gargalhadas são possíveis surgir entre a alegria de um filho e o medo da chuva?

Misticamente, questões se apresentarão sobre a origem dessa gota. Quem a criou? De onde ela vem? Por que ela caiu em minha testa? Quantas explicações, naturalmente, podem surgir a respeito de todo esse movimento ocasionado pela chuva e sua gota. Que tribo é essa das gotas de chuva que “atacam” os seres? Que organização interna, que história é montada, e em que linguagem isso ocorre?

Podemos expandir o quanto quisermos essa pequena experiência ao redor de uma gota de chuva e uma testa humana.

O cair da gota na testa foi uma aula bastante ampla da experiência humana no planeta, *potencialmente*. A gota contou muito sobre o mundo sem dizer uma só palavra, num tipo de linguagem que se estabeleceu espontaneamente.

Esse encontro inevitável, não marcado, inédito, inaugura uma experiência humana intensa para o bebê, e revela a ele sua própria existência, em várias dimensões possíveis, e com isso um conhecimento de si, e do outro. O conflito se estabelece e a subjetividade estreia. Estreia um cientista, um artista, um místico, um filósofo, um “ser emocional”, entre tantos.

A subjetividade aqui como um jeito próprio de lidar com o inédito. Outras gotas virão. Estaremos sempre estreando em termos de subjetividade.

O objeto concreto do qual se desconhece o desejo, ou seja, “sem” subjetividade, é que se presta a constituição da própria subjetividade. Ele é quem convoca a criatividade, a imaginação, o pensamento. E inaugura o sujeito.

O pintor usa suas tintas, objeto concreto, para produzir a sua arte, e revelar sua subjetividade, e também recriá-la. As tintas não dizem ao pintor o que fazer, mas emprestam suas cores, texturas, brilhos, para que ele se revele ao mundo, e a si mesmo. Um encontro artístico entre objeto e sujeito.

Uma nova mente é criada a todo momento, em cada um.

As teses, as teorias, as ideias desenvolvidas pelo bebê, a partir dessa experiência vivida com a gota, comporão agora a palheta desse novo pintor, são novos objetos agora concretos, inevitáveis também, a partir dos quais ele transformará incansavelmente sua subjetividade, sempre em construção.

O contato provoca ou o ordenamento ou desordenamento de emoções. A loucura ou o dogma, são direções possíveis. A capacidade de reordenar emoções é o que importa, a capacidade de lidar com o “inédito”. Desconhecido.

O outro que não sei o que é, eu invento. E na invenção me torno sujeito.

Dulcineia é para Dom Quixote o que ele fez dela. E isso foi o combustível para todas as suas aventuras, loucas ou sãs. Mas, antes de tudo, aventuras. Eros. Vida.

A ideia da figura dela, que ele fazia dela, donzela, é que dava a ele status de Cavaleiro Andante. Uma subjetividade, louca que seja. Ele se

reconhecia potencialmente capaz de amar. De salvar por amor. Salvando, ele se salvava.

A segunda cena – Reconhecimento: o reencontro com o desconhecido.

Uma nova cena, um novo momento. Aquele mesmo bebê agora adulto é que sai da maternidade com seu filho recém-nascido nos braços, em direção ao carro que os levará para casa, e uma gota de chuva cai novamente em sua testa depois de tantos anos, e tantas chuvas.

Será ele agora a correr da chuva para proteger seu filho, será ele a abrir portas de carro, a dizer palavras de alegria ou preocupação. A lamentar ou rir da situação.

O medo que sente da chuva continua o mesmo de seu pai, na primeira cena apresentada, pois apesar de tanta ciência produzida pelo homem, a chuva ainda mata, a água ainda afoga, mesmo sem que ela tenha nenhuma subjetividade, intencionalidade. Nada contra o homem. Pelo menos que se saiba.

Ou seja, aquela gota de água, encerra em si, os mesmos mistérios de outrora. Ela é a mesma. Que transformações terá o ocorrido com esse homem, agora pai?

Fazer parte de uma espécie é antes de tudo preservá-la, e para tanto há necessidade que a reprodução ocorra e seu fruto tenha um desenvolvimento garantido. Essa missão será dos pais, inicialmente. Sem a proteção deles, o filho morre e com ele a espécie. Podemos aproximar esse fato de uma atitude amorosa.

O amor que os pais têm pelo filho é que salva a espécie. Pertencer à espécie é importante para ser salvo, estar vivo. É o que mantêm a vida. A vida, por si só, já é uma prova do amor.

A própria *existência* desse pai é a testemunha do êxito de sua espécie, e revela a sua potência frente à natureza, esse outro desconhecido e indomável. Um triunfo frente ao desconhecido. Parcial, pois a chuva ainda mata, a água ainda afoga, e as antigas ansiedades primitivas, o medo de

morrer e perder o filho, sempre o acompanham e se reacendem a cada gota de chuva.

A subjetividade, fruto da experiência vivida com o desconhecido, será sua capacidade de lidar com ele, levando inevitavelmente ao surgimento de um sujeito capacitado a lidar com essas ansiedades. Autor e protagonista no teatro da vida.

Mas a subjetividade por si só parece não dar conta do recado. Ter estratégias próprias de sobrevivência, de manter a espécie, de salvar filhos, são louváveis, mas limitadas. O sujeito cresceu, aprendeu, evoluiu, mas as ansiedades primitivas se mantêm intensas, e ele também continua a correr riscos frente ao inesperado, ao incontrolável da natureza em si, e da própria natureza humana.

Vide as eternas discussões sobre salvar o planeta e sobre as guerras. Ansiedades primitivas numa expressão coletiva.

O pai salva o filho, mas também precisa se salvar. A chuva ameaça a todos, tanto ao filho quanto ao pai. Dessa forma, ele vai em busca do amparo necessário para se salvar, e o encontrará no outro, na família, no coletivo, na espécie.

Agora é a coletividade que se transforma em pais protetores e salvadores. Mas ela cobra o seu preço: o homem tem que provar que pertence a ela, que contribui para a sua preservação, e demonstrar suas capacidades para tal é essencial para usufruir de suas benesses.

O reconhecimento do outro será uma busca incansável e incessante por restabelecer esse modelo de cuidado e proteção, e voltar a ser o objeto amado é a forma disso se realizar.

Nesse sentido o reconhecimento ganha uma importância fundamental na vida do sujeito, é através dele que se sentirá pertencendo a um grupo e, conseqüentemente, amado por ele.

A busca por prestígio junto ao grupo, ajudando a fortalecê-lo, propondo soluções, agregando inovações, sendo criativo em prol de todos, é uma forma de se sentir imprescindível para ele, conquistando assim sua aceitação e garantindo uma vaga cativa e segura em seu colo.

Em outra frente, o reconhecimento será também uma busca da pessoa por explicar a sorte de sua própria existência. Sendo ela resultado do amor, não deixar dúvidas que o merece parece uma tentativa de capitular a ideia persecutória de ser abandonado à sua própria sorte. Apresentar capacidades e ter qualidades reconhecidas, é uma dívida a ser paga. O amor não pode ser de graça, e nasce e se perpetua um sentimento de culpa no sujeito.

Na cultura do grupo é que se agregarão as ideias de estratégias de sobrevivências, suas formas eficazes e criativas, e que serão apresentadas a todos. A cultura apresentará e contará como nossa espécie, ou mesmo nossa família, superou as adversidades na relação com a natureza, com o desconhecido, com o outro. Desde uma simples gota de chuva a tempestades violentas.

E é na cultura que o reconhecimento será cobrado, e pago, é nesse espaço e nessa linguagem e seus desdobramentos que o homem terá que dar sua contribuição, que realizará as obras resultado de sua subjetividade e de suas elaborações.

Os elementos que encontramos em nossa cultura são também gotas de chuva em nossa testa, frequentemente, a nos tornar cientistas, filósofos, artistas, místicos, etc. Lição essa iniciada muito precocemente em experiências não percebidas, como uma simples gota de chuva em uma testa humana. A gota de chuva: a velha professora.

O reconhecimento poderá ser então uma experiência prazerosa de nos identificarmos com nossas próprias experiências, teorias, teses, ideias, artes. Um reencontro com nós mesmos. O aparelho criativo, que consegue pensar e criar. Uma reordenação momentânea de emoções. Ou uma total desordem psíquica, loucura ou dogma, a ser alcançado a qualquer preço.

A terceira cena – A Psicanálise

Quando Freud organizou uma série de conhecimentos e criou a psicanálise, a sua questão era o que fazer com pessoas com determinados sintomas. O sintoma foi sua gota de chuva na testa. Esse foi seu contato com o desconhecido. Talvez também casual e inevitável.

O que fazer frente aos incômodos que esses pacientes neuróticos, e não neuróticos, como gotas de chuva, o faziam sentir?

As pessoas que nasceram na Viena de Freud tinham a mesma constituição biológica das que nascem hoje. E assim como acontece com a chuva, que sempre será feita de água e cairá em nossas cabeças, as pessoas sempre terão sintomas, leves ou torrenciais, e baterão nas portas de nossos consultórios. Ou seja, mesmo depois de tanto conhecimento produzido pela psicanálise, nunca conseguiremos interromper esse fluxo que nos traz o desconhecido. Os pacientes serão sempre gotas de chuva a nos molhar. Incomodando ou acomodando algo em nós.

As neuróticas, como objeto concreto, caíram na testa de Freud, que teve que desenvolver uma linguagem própria para lidar com elas, que foram as responsáveis por despertar nele o cientista que inventou a psicanálise, sem que elas tivessem a menor noção do que se passava. Eram a água da tempestade.

Foi com as tintas da neurose que o quadro da psicanálise foi pintado por Freud, a partir de sua própria subjetividade, de suas experiências anteriores. Quem sabe próximas daquela provocadas por uma gota de chuva na testa de uma criança. Suas teorias psicanalíticas também se tornaram objeto concreto na palheta de novos pintores psicanalíticos, como Ferenczi, Melaine Klein, Bion, Lacan, Armando Ferrari, entre outros.

E isso não deixou de se tecer na malha do reconhecimento que Freud necessitava ter de sua família, da academia, da ciência, da sociedade. Em busca de uma garantia para sua existência precisava também ser o objeto amado, ou pelo menos se sentir assim.

Agora a psicanálise é nosso objeto concreto, a tinta a partir da qual iremos pintar nossos quadros, nossa clínica. A linguagem própria que teremos que criar, a subjetividade para lidar com cada paciente.

Continuamos a viver algo semelhante ao que Freud e todos os analistas que nos precederam, enfrentando gotas de chuva, que por vezes, são fertilizadoras de nossos campos de ideias e nos beneficiam em nossas colheitas psicanalíticas, ou então são tempestades a nos desesperar, enlouquecer,

matar.

Somos também gotas de chuvas, com nossa constituição, nossas experiências emocionais, nossas teorias psicanalíticas, nossa formação, nossos amores, nossas derrotas, nossas vitórias, nossas esperanças, todo um desconhecido à disposição de nossos pacientes quando eles nos chegam.

A subjetividade do paciente a ser reconhecida pelo analista, não será como um doce a ser oferecido a uma criança, mas como um exercício subjetivo em que ele se sinta merecedor de amor. Não é exatamente o que o psicanalista dá ao paciente que o fará se sentir reconhecido, mas no encorajamento que o psicanalista pode estimular nele para que enfrente o desconhecido de seu íntimo que sua subjetividade poderá se transformar.

A existência do psicanalista e da psicanálise como elemento da cultura, já é o suficiente para que alguém se sinta encorajado a entrar nessa aventura em busca de um reconhecimento, que possa ser experimentado como amor, e toda a proteção e segurança que ele oferece.

Acreditar que somente nossa presença, um simples contato, com todas as informações que trazemos conosco, já são suficientes para uma explosão de teorias e informações na mente de nossos pacientes, e de qualquer um, na verdade, pode ser bastante tranquilizador em um trabalho psicanalítico, tanto para o analista como para o paciente.

Podemos ser, a cada encontro, gotas de chuva nas testas de nossos pacientes?

A quarta cena – A Clínica: uma conversa com a cultura

O que podemos aproveitar dessas reflexões em nossa clínica é o que nos interessa aqui.

Qual a experiência mental, emocional, científica, artística poderá experimentar a pessoa que nos procura para um trabalho psicanalítico?

A análise como a gota de chuva, um ponto de contato, um despertar da atenção em um registro particular.

Há quase dois anos mantenho uma atividade voluntária com adictos de drogas lícitas e ilícitas, sendo uma boa parte egresso do sistema prisional

(presídio). É um grupo por volta de 25 pessoas, com alguma variação de número, entre entradas e saídas de novos participantes. Mas que mantém uma certa estabilidade, o que viabiliza uma intimidade entre nós.

Os participantes fazem parte de uma “comunidade terapêutica”, na qual ficam inseridos/internados por períodos que variam de 2 meses a mais de 1 ano, com diversas atividades manuais, pedagógicas, práticas, intelectuais, terapêuticas, religiosas etc. Com liberdade para ficarem, ou irem embora, se assim o quiserem.

A atividade são encontros semanais por meio virtual, onde todos os participantes ficam juntos em uma sala com uma televisão de tela grande, onde podem ver a mim e a uma terapeuta, que não é psicanalista, e que me acompanha nesse trabalho.

Nessa atividade, chamada “Conversas com a Cultura” são apresentados alguns elementos estéticos/culturais/artísticos, entre filmes de curta metragem, pinturas, fotografias, poesia, música, visitas a museus de forma virtual.

Sempre levamos 3 opções para que eles escolham, por votação aberta e democrática, qual será assistida.

Todos nós ao mesmo tempo assistimos pela tela o elemento estético, e logo depois iniciamos uma discussão livre e espontânea sobre o que vimos.

Não é uma aula, nem uma terapia nos termos que entendemos convencionalmente.

Todos durante suas vidas já assistiram filmes, já viram pinturas e fotografias, já ouviram poesia e música. Mas não daquela forma que fazemos, não com aquele tipo de atenção, naquele registro emocional, com aquele foco, com aquele clima e com aquela escuta.

É uma experiência jamais vivida por eles. É o inédito como viabilizador da reconstrução de suas subjetividades.

Busco não fazer nenhuma intervenção terapêutica direta ao grupo, em forma de interpretação psicanalítica clássica, mas falo sobre o espaço raras vezes, quando acho pertinente.

Eles ocupam a cena a partir do contato com o elemento que foi

apresentado, e fazem observações próprias do que viram e do que sentiram. Não é feita, de minha parte, nenhuma correção sobre o que foi dito, ou sugestão do que seria o certo a se pensar, não há regras a seguir quanto ao pensamento e sua exposição. É pura e livre a associação.

Surgem comentários quanto ao material apresentado, ideias a respeito da intenção do artista, da qualidade estética, lembranças de momentos de suas próprias vidas, na infância, na família, no trabalho, nas relações, também uma correlação com a situação deles na “comunidade terapêutica”, da solidão e ao mesmo tempo o companheirismo que estabeleceram com os colegas de lá, sem nenhuma indução.

Ao longo do trabalho, venho percebendo a intensidade que a atividade ganha em suas vidas. O reconhecimento de si mesmos em um espaço de escuta desprovida de ansiedades pedagógicas, o que torna a experiência leve, mas com uma intensidade cada vez mais sentida.

Eles comentam sobre o impacto que isso tem na semana deles, como surgem conversas a partir das discussões na atividade. Como eles se sentem escutados, em um ambiente em que muitas vezes são inundados com conselhos, regras, sugestões, limitações.

Não é uma cura, mas pode curar. Ajudar a cicatrizar experiências traumáticas abertas.

Será que eles deixarão as drogas?

Isso é um desfecho do qual nunca saberemos ao certo, e talvez não saber seja muito importante para não criarmos ansiedades na relação, provocando mais medo do que conhecimento, no sentido que Bion apresenta. Ser apenas um encontro com um desconhecido. Acreditar nesse encontro com o desconhecido como uma possibilidade de transformação de subjetividades, sem buscar um resultado específico.

Se reconhecer em suas próprias falas, ideias, teorias, teses, hipóteses, emoções, reanalizando, sendo protagonistas de uma cena, pode ser fundamental para um reencontro consigo.

A possibilidade de acessar algum reconhecimento daquilo que são, de voltarem a se sentir objetos de amor, numa vida tão cheia de turbulências,

desencontros, pode amansar ansiedades primitivas estimuladoras de suas adições.

Deixar que eles nos comuniquem essa experiência, desenvolvam as ideias, façam as investigações sobre aquele espaço, aquele momento, aquele encontro, aquele clima. O campo analítico criado como uma investigação do clima, da temperatura, dos sons, das cores das emoções.

Poderão criar, a partir disso, seus próprios objetos e com eles a sua subjetividade, que talvez se entrelace com outras subjetividades através de alguma identificação possível.

O objeto concreto é o material sob o qual se cria a subjetividade, que por sua vez cria novos objetos concretos, que são as ideias trazidas para o grupo, e que poderão ser utilizados para produzir novas subjetividades dos outros e de si mesmo. Parece ser esse o movimento dessa atividade.

Sermos apenas uma gota d'água em suas testas, pode ser que desperte um cientista, um artista, um místico, um filósofo, um novo ser emocional que consiga reconstruir em um novo teatro mítico pessoal. E com isso a abertura de novos caminhos possíveis.

Esse encontro talvez seja a possibilidade de voltar àquela experiência da gota de chuva, esquecida nos recantos mais profundos de suas almas, mas que ainda inunda suas vidas. Dando novos sentidos às gotas que não se foram, que continuaram sem transformação, não viraram experiência, nem conhecimento, e que alimentam suas ansiedades mais primitivas e sua adição.

A gota que inunda, que afoga.

A quinta cena – A Arte

“Já lhe dei meu corpo, minha alegria
Já estanquei meu sangue quando fervia
Olha a voz que me resta
Olha a veia que salta
Olha a gota que falta
Pro desfecho da festa

Por favor
Deixe em paz meu coração
Que ele é um pote até aqui de mágoa
E qualquer desatenção, faça não
Pode ser a gota d'água
Pode ser a gota d'água
Pode ser a gota d'água”

Música: Gota d'água

Autor: Chico Buarque de Holanda

A DROP OF ANALYSIS

ABSTRACT: In this work, the author traces the relationship between the human and the unknown and seeks to show how the unprecedented in this encounter leads to the creation of subjectivity and the foundation of the subject. He presents the recognition of the subject as the need to return to being a loved object. And he proposes a reflection on how these ideas can be present in psychoanalysis, clinic and art.

KEYWORDS: subjectivity, primitive anxieties, unknown, recognition.

UNA GOTA DE ANÁLISIS

RESUMEN: En este trabajo, el autor traza la relación entre lo humano y lo desconocido y busca mostrar cómo lo inédito en este encuentro conduce a la creación de subjetividad y la base del sujeto. Presenta el reconocimiento del sujeto como la necesidad de volver a ser un objeto amado. Y propone una reflexión sobre cómo estas ideas pueden estar presentes en el psicoanálisis, la clínica y el arte.

PALABRAS CLAVE: subjetividad, ansiedades primitivas, desconocidas, reconocimiento.

REFERÊNCIAS

Bion, W. (2017). *Seminários italianos / Wilfred R. Bion* (André G. Growald, Trad.). São Paulo: Blucher.

Cervantes, M. (2012). *Dom Quixote de la Mancha* (Ernani Ssó, Trad.). São Paulo: Penguin Classics Companhia da Letras.

Hollanda, F. (1977). *Gota D'Água – De Chico Buarque e Paulo Pontes – Bibi Ferreira*. Gravadora RCA Victor.